

Vocalismo acentuado do Noroeste português – descrição acústica, variação dialectal e representação fonológica

Abstract: The paper's aim is two-fold: 1, to give an acoustical depiction of the vowel systems of Portuguese northwestern dialects; 2, to establish a correlation between those vowel systems and the ones that can be found in central-southern Portuguese varieties. The data call for a revision of some important aspects of Portuguese dialectology, namely: a) the description of northwestern dialects, as different types of diphthongs are found in different areas than the ones pointed out by dialectal studies; and b) the adequacy of the phonological vowel system traditionally used to describe European Portuguese as a means of representation of the continental dialectal varieties. Seven different systems are needed to represent all dialects comprised in this study.

Keywords: acoustic dialectology, phonological vowel inventories, European Portuguese northwestern dialects, European Portuguese central-southern dialects

1. Introdução¹

Este artigo gira em torno da seguinte pergunta: Como poderemos conciliar as realidades fonéticas, aqui descritas, relativas à língua falada no Noroeste português com a representação fonológica predita pelos principais estudos fonológicos do português (nomeadamente, Mateus, 1982 e, mais tarde, Mateus & Andrade, 2000)? Nessa medida, ao longo desta introdução, faremos uma breve revisão das propostas de inventário(s) fonológico(s) do português europeu (PE), à luz das quais possamos enquadrar tanto os dados do Noroeste (NO) como os dos dialectos centro-meridionais.

O sistema fonológico das vogais do português, proposto por Mateus (1982), tem sido pouco questionado, apesar de haver alguns linguistas que consideram deverem fazer parte do mesmo, os segmentos [ɐ] e [i]², aí não incluídos. Essa proposta inclui ainda um inventário de dezanove consoantes e duas semivogais fonológicas³, com base nas quais se pode explicar um grande número de fenómenos fonológicos característicos do português, com descrições económicas da variação contextual da variedade linguística para a qual foi criado, a da região de Lisboa, e que tem servido igualmente para apoiar diversas análises de outras variedades. A proposta mais recente de Mateus & Andrade (2000) exclui do inventário fonológico as duas semivogais ([j w]), por os seus autores entenderem que o surgimento das semivogais ao nível fonético pode ser explicado de outras formas. Algumas semivogais ocorrem porque correspondem a vogais inacentuáveis (as que se encontram junto a outras vogais em palavras como *leite*, *couve* – caso em que nunca pode haver pronúncia da vogal plena, mas pode haver apagamento da vogal inacentuável), outras porque são vogais plenas mas semivocalizam junto a outras vogais nas palavras (como, por exemplo, em *quⁱabo*, *pi^ão*, *pe^ado*, *canteⁱ* – embora em alguns destes casos também possam ser produzidas como vogais plenas) e, ainda muitas outras, porque são resultado de processos de inserção (como acontece nas sílabas finais de *andam*, *garagem*, *sem*). Por essa razão, a representação dos ditongos prevista por estes autores pressupõe o uso de maiúsculas para representar as vogais que são fonologicamente repelentes do acento lexical; assim, *leite* /lelt+e/, *couve* /koUv+e/ com consequente silabificação num só núcleo. Essa notação, usada igualmente para marcar qualquer outra vogal inacentuável (*cátEdra*, *âmAgo*, *crítlco*), todavia não se aplica às formas de alguns dos ditongos observadas nos dados do NO (questão que trataremos adiante), dialecto do qual os autores não se ocupam. Na concepção seguida pelos autores, as unidades do inventário fonológico são aquelas que operam as

¹ Utilizaremos para propósitos de notação fonética o sistema do IPA – International Phonetic Alphabet, versão revista de 2005, com excepção da representação das semivogais, em que seguiremos a tradição portuguesa. Assim, a semivogal anterior será representada com [j] (como em ['pai] *pai*) e a semivogal posterior com [w] (como em ['paw] *pau*).

² Referimo-nos sobretudo a Freitas (2004) e Veloso (2005, 2012 e 2013).

³ /i, e, ε, a, ɔ, o, u, j, w, p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, m, n, ɲ, l, ʎ, r, R/ (Mateus, 1982 – adaptámos o símbolo correspondente à vibrante simples). A revisão apresentada em Mateus & Andrade (2000) contempla menos uma unidade consonântica, o /R/, que é integrado no fonema /r/.

principais diferenças nas palavras da língua. Desse modo, pares de palavras como *cera* e *seira* não constituem um par mínimo mesmo que sejam homófonas (como sucede em dialectos do Sul, onde a realização fonética do par referido é apenas uma, [ˈsere]), já que contêm diferente número de unidades fonológicas. Isso explica algumas das diferenças entre os inventários fonológicos especificados pelos dialectólogos para as variedades centro-meridionais, como veremos mais adiante. O objectivo fundamental da definição de um sistema fonológico é o de possibilitar a descrição, por intermédio de generalizações relativamente simples, do funcionamento regular das unidades segmentais da língua. Um primado essencial deste modelo consiste na economia das representações fonológicas, o que determina que, perante alternativas de inventários de unidades mais e menos numerosos, se prefira sempre a que for igualmente explicativa sendo menos dispendiosa (ainda que a análise fonológica implique a formalização de mais generalizações). Assim, a inventariação de segmentos fonológicos não depende apenas do estabelecimento de oposições em pares mínimos, mas também do comportamento das unidades segmentais nos processos fonológicos da língua; é por isso que, por exemplo, as vogais nasais não têm, no modelo generativo, existência ao nível fonológico, pois podem ser preditas contextualmente (cf. e.g. Andrade e Kihm, 1987).

Se no entanto entendermos que cada variedade é uma língua possível, podemos supor que haja variedades linguísticas em português que tenham sistemas fonológicos diferentes; a fonologia estruturalista (e.g. Barbosa, 1965 e 1994), ao contrário da fonologia generativa, adoptou essa perspectiva, que tem sido dominante na dialectologia. Segura (2013, pp. 85-86), ao definir os conceitos de *variedade* e *dialecto*, explicita-a:

"Variedade" e "dialecto" podem considerar-se sinónimos, tendo a sociolinguística, de certa maneira, vindo a substituir o termo "dialecto" pelo de "variedade", mais neutro, que praticamente impôs, uma vez que "dialecto" tem, em certos meios, a conotação pejorativa de modalidade rústica ou inferior da língua. Relativamente a este aspeto, convém referir que os dialectos não são (e nunca será de mais acentuar ou fazer compreender) variedades menores da língua ou, ainda menos, formas desviantes da língua, que se toleram ou se apreciam pelo seu pitoresco. Os dialectos são variedades de uso simultâneo dentro da mesma língua, com as suas regularidades e os seus sistemas particulares, as suas gramáticas próprias e com as suas normas-padrão próprias, embora, normalmente, não fixadas em nenhum documento de tipo normativo, não tendo geralmente ortografia própria. É preciso não esquecer que as línguas românicas começaram por ser dialectos do latim e que aquilo que se considera a língua-padrão - no caso que nos interessa, o português-padrão - não é mais do que um dialecto ou, se quisermos, uma variedade da língua que, por contingências históricas, políticas e sociais, foi alçada a língua de prestígio, vindo a sobrepor-se às outras variedades, e passando a ser tomada como a "língua" de referência, o modelo.

Desse modo, os estudos dialectais indexam tipicamente um sistema fonológico ao dialecto que descrevem. Ou seja, não partem necessariamente do dialecto padrão para descrever um qualquer dialecto, mas sim do sistema que podem verificar nesse dialecto, embora, naturalmente, não ignorem o sistema do dialecto padrão e os de outros dialectos e línguas. É nesse quadro que se inserem, por exemplo, os trabalhos de Segura (1987) sobre o dialecto do Ocidente algarvio (utilizando dados acústicos e perceptivos) e o de Brissos (2014) (utilizando dados acústicos), que define sete sistemas vocálicos tónicos diferentes para os dialectos portugueses a Sul do Tejo.

A variação linguística é muito mais ampla do que o simples contraste entre unidades fonológicas, uma vez que inclui também os diferentes processos a que as unidades linguísticas estão sujeitas. Um mesmo sistema fonológico permite gerar um conjunto imprevisível de gramáticas, constituindo um instrumento fundamental para a agregação das variedades linguísticas de uma mesma língua. Os inventários, segundo esta perspectiva, são conjuntos muito económicos (com reduzido número de unidades contrastantes), concebidos por representarem a intercompreensão de todos os falantes e para facilitar a descrição do comportamento das unidades na variedade standard e, por vezes, também nas outras variedades. Assim, em português chegou-se a um número de sete vogais contrastivas em palavras da língua (Mateus, 1982; Mateus & Andrade, 2000), dispensando um vasto conjunto de outras unidades orais e nasais, que podem ver a sua existência predita pelo contexto (na variedade standard e noutras variedades), e um conjunto de outras vogais que são típicas das variedades não standard (por exemplo, do Barlavento do Algarve e da Beira Baixa e Alto

Alentejo, para não falar nos dialectos insulares⁴). Porém, quando tentamos descrever cada uma das variedades da língua em particular, podemos deparar-nos com dificuldades várias no estabelecimento de correspondências lineares entre as unidades fonéticas registadas e as unidades presentes no inventário fonológico proposto para a língua, como já aconteceu com dados dos dialectos centro-meridionais descritos em Brissos (2014). Procuraremos aprofundar este assunto nas secções seguintes.

Cintra (1983) na sua *Nova proposta de classificação dos dialectos Galego-Portugueses*, sem deixar de dizer que certas áreas dialectais possuem sistemas fonológicos diferentes, como é o caso dos dialectos setentrionais no que se refere às sibilantes (verifica-se a conservação da realização apical das sibilantes nesses dialectos, como em ['sɛrɐ] *sera*), à africada alvéolo-palatal (também aqui está em causa uma conservação, no caso de /tj/~/j/, como em ['tʃa] *chá* ~ ['ʃali] *xaile*) e a /v/ (inexistente na maior parte do Norte, onde *vaca* é iniciada pelo mesmo fonema que *boi*, /b/), usou ainda os ditongos *ou* e *ei* (monotongados nos dialectos centro-meridionais, como em ['toru] *touro* e ['leti] *leite*⁵) para o estabelecimento dos contrastes dialectais. Estes traços, no entanto, são insuficientes para a descrição da micro-variação dialectal portuguesa, nomeadamente não permitem a distinção de todas as subáreas dialectais. Esse não era o objectivo de Cintra, que procedeu a uma visão de conjunto dos dialectos portugueses (uma visão *macro*). Porém, quando descemos ao nível da micro-variação, coloca-se a questão da representação unificada dos vários dialectos, subdialectos e falares⁶, particularmente quando se utilizam dados acústicos para descrever essas variedades. Com o avanço dos trabalhos acerca dos dialectos portugueses das últimas décadas, nomeadamente Brissos (2014), haverá necessidade de estipular outros sistemas fonológicos para outras áreas dialectais? Qual o grau de abstracção dos inventários subdialectais? Será que as variedades geograficamente mais afastadas apresentam mais diferenças entre si do que as mais próximas? cremos que o grau de abstracção das representações propostas deve ser ponderado e, por outro lado, que o incremento dos estudos acústicos das variedades não nos deve conduzir em princípio à postulação de um número excessivo de inventários subjacentes. Será que no Noroeste português, incluído nos dialectos setentrionais, há sub-regiões com inventários fonológicos distintos como as que foram propostas para os dialectos centro-meridionais?

2. Proposta de trabalho

Partindo da reformulação do inventário fonológico identificada por Mateus & Andrade (2000) que estipula apenas uma vibrante no inventário e exclui as semivogais (contrariamente à proposta de Mateus, 1982), este artigo toma como objectivos: (i) descrever, a partir de dados acústicos, as qualidades vocálicas em posição acentuada da região Noroeste do Continente (distritos de Viana, Braga e Porto); (ii) extrair conclusões de ordem dialectal dessa descrição; (iii) proceder a uma reflexão fonológica de conjunto dos dados comparáveis de todas as variedades continentais já existentes, de modo a chegarmos a alguma clarificação da natureza das unidades segmentais já registadas acusticamente em português, em dados de fala de inquéritos dialectais.

3. Metodologia

Os dados provêm do AVOC - Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português (ver website nas Referências). Utilizamos seis pontos de inquérito, discriminados no mapa 1 (Anexo, I. Mapas).

⁴ Cf. Cintra (1983), Cunha & Cintra (1984), Segura (2013).

⁵ Sendo o português padrão uma excepção à monotongação de *ei*, por realizar o ditongo com dissimilação: ['lei̯ti]. Esta realização é uma solução frequente nos dialectos setentrionais, constituindo-se o português padrão como uma ilha a Sul de uma pronúncia típica do Norte.

⁶ Seguimos a terminologia dialectológica da chamada escola de Lisboa, na qual, como referem Ferreira, Carrilho, Lobo, Saramago & Segura (1996, p. 483), "o termo *dialecto* é utilizado para variedades que definem uma zona, enquanto *falar* é reservado a variedades que ocupam apenas uma localidade".

A metodologia de obtenção dos dados está descrita e justificada ao pormenor em Brissos (2014) (apesar de o AVOC não se constituir então como projecto específico, e por isso não surgir assim nomeado nesse estudo). As principais características são as seguintes:

- a) O AVOC utiliza o arquivo sonoro do ALEPG - Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ver mais sobre o projecto em: a sua página web (cf. Referências); o seu questionário, vol. I (cf. Referências); Saramago, 2006; Gottschalk, 1977).
- b) Para cada inquérito seleccionou-se o informante masculino mais representativo para ser alvo da recolha de exemplos das vogais tónicas orais.⁷
- c) Esses exemplos foram recolhidos em frases declarativas (entoação normal) produzidas preferencialmente em fala espontânea (portanto não produzidas em leitura ou resposta repetitiva a um questionário).
- d) Os exemplos foram recolhidos em sílabas CV de ataque não ramificado com todos os pontos de articulação da língua à excepção do lábio-dental (apenas representado por uma consoante, /f/, nos falares do NO) e do uvular (que tem muito pouca existência nos dialectos portugueses e não ocorre em nenhum dos informantes utilizados no presente estudo). Para cada um desses contextos foram recolhidos, sempre que possível, sete exemplos de cada vogal, perfazendo por isso um total de vinte e oito exemplos por vogal.⁸
- e) Foi feito, de forma adicional, um controlo não exaustivo do contexto seguinte à vogal; ver a descrição em Brissos (2014, pp. 72-74).
- f) Dos dados de Brissos (2014) não constam, devido às características dialectais da região abrangida, realizações ditongadas. Mas na área compreendida no presente trabalho há, como veremos, vários tipos de ditongo a considerar. O procedimento de medição dessas realizações é em tudo idêntico ao das vogais descrito em Brissos (2014), com a diferença de que nos ditongos, como existem dois timbres, são feitas duas medições: uma no primeiro timbre, outra no segundo timbre.
- g) As medições são feitas, tal como nos dados do Centro-Sul de Brissos (2014), em sede do primeiro, do segundo e do terceiro formantes (F1, F2 e F3).

Nesta medida, podemos considerar que os nossos dados representam o que de mais rigoroso no presente podemos ter para a descrição da variação dialectal nas diferentes áreas geográficas do país. Os pontos de inquérito foram seleccionados em função de dois critérios. Em primeiro lugar, a máxima abrangência possível da área dialectal em foco. Em segundo lugar, a melhor qualidade possível do registo sonoro utilizado, o que inclui a ocorrência de informantes masculinos que falem

⁷ A representatividade do informante é estabelecida de acordo com os critérios clássicos da dialectologia europeia: cf. Brissos (2014, pp. 69-70). Como também se pode ver em Brissos (2014, p. 70), a fidelidade dialectal dos dados utilizados é elevada, não deixando os mesmos de ilustrar as características dialectais das áreas abrangidas; é assim, p. ex., que os pontos de inquérito onde se esperaria encontrar certos traços marcados no sistema dialectal português não deixam de os apresentar na sua plenitude (como, no caso de Brissos, 2014, os pontos integrados nas variedades dialectais do Centro-Interior e do Sudoeste, ou, no caso do presente artigo, dos pontos integrados na parte do Noroeste que tem sido identificada como variedade dialectal idiossincrática - cf. a definição e caracterização dessas variedades em Cintra, 1983 e Segura, 2013). Referiremos também que as interpretações geolinguísticas (e.g. subdivisões dialectais da área estudada) apresentadas ao longo do presente artigo com base nos nossos dados não devem ser vistas como propostas de fronteiras dialectais rígidas e inflexíveis. Devem ser vistas como coerências geográficas de fenómenos linguísticos que os dados permitem definir, cujas fronteiras específicas e áreas totais apenas estudos de microvariação posteriores permitirão estabelecer. Como se verá, as interpretações geolinguísticas referidas assentam em distribuições uniformes/coerentes (sem áreas intermédias) de traços linguísticos na área estudada, apresentando-se por isso como pacíficas mesmo a partir de um número de pontos de inquérito não elevado.

⁸ A determinação do número de exemplos analisados para cada vogal resulta de um equilíbrio entre o desejável (grandes quantidades de dados) e o possível (a quantidade obtível num *corpus* de fala espontânea, tendo em conta que alguns contextos definidos, como /ε/ e /u/ depois de palatal ou velar, não são frequentes na língua). O número resultante, 28, está no espectro dos melhores estudos de dialectologia acústica comparáveis: Escudero, Boersma, Rauber & Bion (2009, p. 1381) utilizam 20 exemplos por vogal, Segura (1987, pp. 34-35) entre 30 a 40 exemplos (em casos específicos menos) e Delgado-Martins (2002, pp. 42-43) 9 exemplos.

durante um período de tempo suficiente para todos os contextos controlados estarem representados na quantidade requerida.

4. Dados acústicos das vogais tónicas do NO

4.1. Apresentação sumária

No Anexo II (Dados acústicos), encontram-se os valores em Hertz das medições formânticas das vogais do NO e as representações do sistema vocálico acentuado de cada ponto de inquérito em cartas de F1 e F2. Os ditongos têm uma representação dinâmica, com setas, indicando o primeiro e o segundo timbre do mesmo (i.e. o timbre de partida e o timbre de chegada do ditongo). Ocupar-nos-emos sobretudo dos ditongos que correspondem a vogais simples no latim vulgar (tipicamente *Ē*, *Ĕ*, *Ō* e *Ŏ*)⁹, no entanto, para efeitos de comparação com os dados dos dialectos centro-meridionais, decidimos incluir nos dados do NO também os valores dos ditongos históricos *ei* (e.g. *leite* < LACTEM) e *ou* (e.g. *touro* < TAURUM). Tomámos esta opção porque nos dialectos do Sul esses ditongos correspondem a vogais simples que, em algumas áreas, criam oposições fonéticas (e.g. ['petu] *peito* ~ ['petu] *peto*, ['tøk] *touco* ~ ['tok] *toco*), sendo essas vogais, por isso, identificadas como fonológicas pelos autores que descrevem esses dialectos (Cintra, 1983; Segura, 1987; Brissos, 2014).

Como se pode ver nas cartas de formantes, existe variação, entre pontos de inquérito, na realização dos vários timbres dos ditongos, tal como estes, devido à sua natureza intrinsecamente instável (como ditongos que são), têm variação também significativa *intra*-ponto de inquérito. Nesse sentido, não faremos a descrição detalhada das várias realizações fonéticas dos ditongos; distinguiremos apenas os tipos fundamentais de ditongo que existem na região, deixando de lado variações fonéticas menores, sem valor distintivo no ponto de inquérito respectivo (por não implicarem que determinado ditongo deixe de pertencer a um tipo e passe a pertencer a outro).

Esses tipos integram-se em dois grupos fundamentais.

Em primeiro lugar, a ditongação de /i/, que ocorre apenas em um ponto de inquérito: Castelo de Neiva. Tem, como se pode ver na carta de formantes respectiva, uma forma fonética que corresponde no essencial a [ej]. O ditongo ocorre quase exclusivamente quando a sílaba tónica não se segue uma consoante, isto é, em posição final ou antes de vogal; e.g. *ali*, *agonia* com ditongação *versus cortiço*, *lírio* sem ditongação. A realização ditongada não é, mesmo nos contextos a que se limita, exclusiva, i.e. coocorre com [i]; a realização [i] é, de facto, a forma fonética principal e, por isso, o segmento fonológico.

Em segundo lugar, temos as ditongações das vogais anteriores e posteriores¹⁰ médias (no português padrão, /e ε ɔ o/). Existem, aqui, dois subtipos de realizações ditongadas:

⁹ O português descende, como é sabido, do latim vulgar ocidental, que perdeu as distinções de quantidade do latim clássico. A correspondência entre os vocalismos tónicos do latim vulgar ocidental e do latim clássico é a seguinte: /i/ < /ī/; /e/ < /ĭ/, /ē/ e < /oe/ (ditongo); /ɛ/ < /ĕ/ e < /ae/ (ditongo); /a/ < /ā/, /ă/; /ɔ/ < /ō/; /o/ < /ō/, /ŭ/; /u/ < /ū/. O sistema vocálico actual do português é, portanto, idêntico ao do latim vulgar, tal como o era o do português antigo; ao contrário do que se passou no vocalismo átono, no tónico o português não modificou o sistema de origem, apenas a sua distribuição (cf. Castro, 2006, pp. 145-147).

Os ditongos que referimos foram interpretados de diversas maneiras ao longo do tempo. Tradicionalmente, na dialectologia são definidos como ditongos crescentes, cf. Martins & Vitorino (1989). Rodrigues (2002a e 2002b), no entanto, tendo principalmente em vista a descrição da “ditongação crescente” opta por considerar que seria mais vantajoso, do ponto de vista fonológico, interpretá-los como vogais que labializam ou palatalizam a consoante precedente. Nesta interpretação, portanto, a semivogal consiste numa articulação secundária da consoante, não se encontrando no núcleo da sílaba (ou seja, não existe ditongo crescente, mas labialização/palatalização consonântica). Esse fenómeno permite entender a “ditongação crescente” como um vulgar processo de espriamento de traços, em vez de ser um caso singular e injustificado de semivocalização crescente na fonologia do português – língua que privilegia a ditongação decrescente e, em determinadas regiões, a sua posterior monotongação.

¹⁰ Adoptamos a seguinte classificação articulatória das vogais: na dimensão horizontal, i.e. no que concerne ao recuo/avanço do dorso da língua, anterior/central/posterior; na dimensão vertical, i.e. no que respeita ao grau de altura do dorso da língua, alta/média (média-fechada, como o português padrão /e/, ou média-aberta, como o português padrão /ɛ/) /baixa.

- a) As realizações em que o ditongo começa e termina no mesmo eixo articulatório da vogal — eixo anterior, no caso de /e ε/, ou eixo posterior, no caso de /o ɔ/. Ou seja, ditongos do tipo de ['sjeðru] *cedro*, ['pje] *pé* e ['twoðu] *todo*, ['kwɔβrɐ] *cobra*. Este tipo de ditongação é normalmente crescente, como nos exemplos indicados, e ocorre em qualquer contexto fonético, embora pareça existir preferência pela posição interior de palavra (como em *cedro*, *todo*, *cobra*).
- b) As realizações em que o ditongo começa no eixo anterior (no caso de /e ε/) ou no posterior (no caso de /o ɔ/) e termina no eixo central, como ['seʊðru] *cedro*, ['pɐ] *pé* e ['toʊðu] *todo*, ['kɔβrɐ] *cobra*. Esta ditongação é, como está nos exemplos, tipicamente decrescente. Do mesmo modo que a primeira, não tem contextualização específica, havendo aqui, contudo, preferência pela posição final de palavra (como em *pé*).

O subtipo de ditongação descrito em b) não é normalmente indicado pelos estudos dialectais de base perceptiva. De facto, as ditongações do Noroeste português são, por norma, agrupadas num único tipo, o primeiro da nossa caracterização (['sjeðru], etc.). Mas os nossos dados mostram claramente a existência dos dois tipos (vejam-se, ainda e sempre, as cartas de formantes). Este é um exemplo da utilidade das ferramentas acústicas para a caracterização dialectal, pois essas ferramentas permitem-nos obter um grau de exactidão superior ao permitido pelo uso exclusivo da percepção individual.

4.2. Análise dos dados

A principal marca distintiva dos dados do Noroeste é a existência de formas ditongadas correspondentes a vogais simples do português padrão e dos dialectos do Centro-Sul em geral (Brissos, 2014). De facto, esta região, tradicionalmente tida como conservadora, tem a singularidade, já notada (embora nem sempre com concordância exacta na delimitação geográfica e na caracterização dos fenómenos) pelos estudos dialectais de base perceptiva/tradicional (e.g. Vasconcelos, 1970, pp. 79, 82 e 123; Cintra, 1983, p. 153 e mapa 2), de apresentar formas ditongadas na realização de algumas vogais.

Tradicionalmente (cf. *ibid.*), as ditongações indicadas para o NO são as de /e/ e /o/, mas os nossos dados, como já vimos, apresentam ditongação também de /ε/, /ɔ/ e ainda, noutro tipo, de /i/. A ditongação de /i/ é compatível com a representação fonológica do português padrão, i.e. /i/, uma vez que ocorre quase exclusivamente antes de pausa ou de uma sílaba de ataque vazio. Assim, nos nossos dados registámos ditongação em *ali*, *aqui* (ambos os exemplos antes de pausa), *agonia*, *maquia*, etc., e apenas um caso antes de sílaba com ataque preenchido, *antiga*. As outras ditongações (as que afectam /e ε ɔ o/) poderão não ter, contudo, uma correspondência tão fácil de estabelecer com a representação do português padrão. Na verdade, as ditongações das vogais médias do NO levantam a questão de essa(s) variedade(s) deverem ser analisadas com base no mesmo sistema fonológico do português, alicerçado no português centro-meridional (mais concretamente no da região compreendida entre Lisboa e Coimbra, sobretudo, hoje, na zona de Lisboa propriamente dita; Brissos, 2012, p. 12).

Observemos os dados em detalhe, começando pelos das vogais anteriores nas localidades mais a Norte.

Os dois pontos de inquérito do distrito de Viana do Castelo (o distrito mais a Norte do NO), Arcos de Valdevez (AV) e Castelo de Neiva (CN), apresentam a fusão de /e/ e /ε/ sob a forma de uma vogal média anterior que pode ser ditongada foneticamente. Na ausência de uma notação fonológica pré-estabelecida, propomos a sua representação com o símbolo /Ê/.¹¹ O quadro 1 apresenta os valores Hz das realizações correspondentes a /e/ e /ε/ do padrão (i.e. históricos) nos dois pontos de inquérito (para os valores Hz das outras vogais, incluindo /Ê/, cf. o Anexo). A partir desses valores é

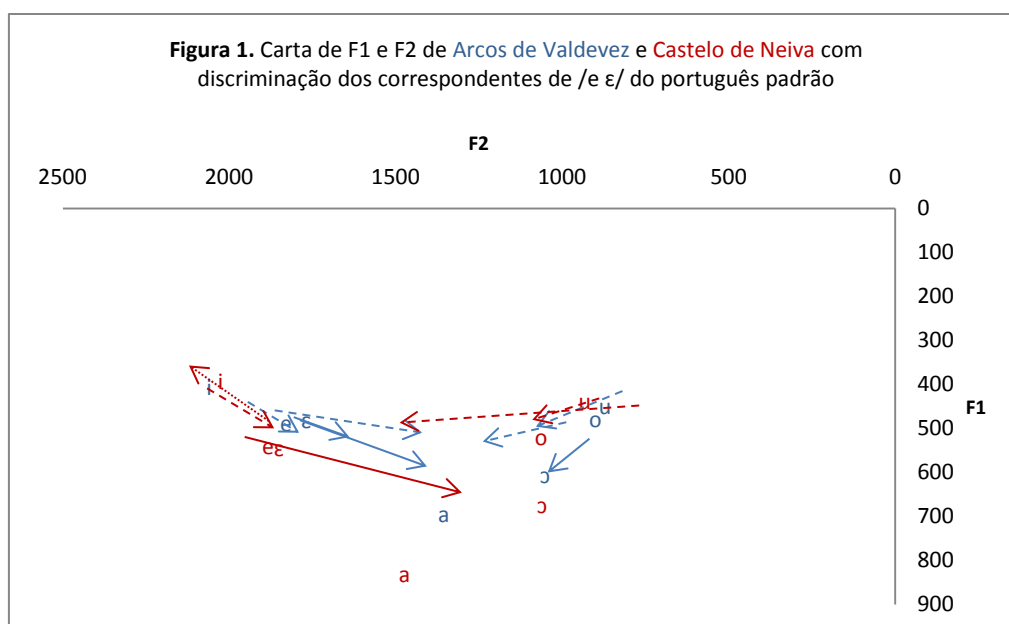
¹¹ Ao longo do artigo serão usadas as maiúsculas para indicar a possibilidade de ditongação e o diacrítico para indicar o fechamento e o grau de abertura das vogais. Assim, uma vogal média-aberta que pode ser ditongada será /Ê/ e uma média-fechada /Ễ/.

construída a figura 1, que dá a carta de F1 e F2 de ambas as localidades. Os ditongos são representados do mesmo modo que nas figuras G e H do Anexo, isto é, com setas a indicar o início (primeiro timbre) e o fim (segundo timbre) dos mesmos, setas essas contínuas no caso dos ditongos das vogais médias-baixas, tracejadas nas ditongações das vogais médias-altas e seta pontuada no caso da ditongação de /i/, exclusiva de CN.

Pode ver-se tanto no quadro 1 como na figura 1 que não existe nem em AV nem em CN distinção entre /e/ e /ɛ/ do padrão, ou seja, a ambas as vogais corresponde apenas uma, média-fechada, em ambos os pontos de inquérito. No ponto de inquérito em que existe possibilidade de comparação entre um mesmo subtipo de ditongação (RD1 ou RD2, no caso mesmo os dois), AV, vemos que os casos de ditongação de /e/ histórico são de facto ligeiramente mais fechados (valores de F1 mais baixos) e / ou anteriores (valores de F2 mais altos) do que os casos de ditongação de /ɛ/ — mas sempre com grande proximidade. Se as realizações ditongadas conservam a etimologia (o que só será possível comprovar com recurso a mais pontos de inquérito), ficamos a saber que a fusão de /e/ e /ɛ/ se deu numa época posterior à das ditongações (pois se a fusão de fonemas fosse anterior às ditongações, estas não poderiam conservar distinções de timbre que então já não existiam). São, no entanto, os valores das realizações como monotongo que indicam o timbre subjacente da vogal actual; e, aí, não há dúvidas: /e/ e /ɛ/ do padrão/históricos situam-se em espaços acústicos praticamente idênticos tanto em AV como em CN.

Quadro 1. Valores de F1, F2 e F3 correspondentes a /e/ e /ɛ/ do português padrão nos inquéritos do distrito de Viana do Castelo (em Hz, médios; desvios-padrão entre parênteses; ordem: F1, F2, F3)					
Vogal do português padrão	Tipo de realização ¹²	Ponto de inquérito			
		Arcos de Valdevez		Castelo de Neiva	
/e/	RM	487, 1829, 2420 (19, 94, 98)		539, 1883, 2499 (22, 36, 90)	
	RD1	439, 1950, 2492 (51, 52, 37)	513, 1792, 2358 (90, 97, 15)	410, 2065, 2776 (71, 106, 190)	500, 1870, 2630 (23, 48, 166)
	RD2	461, 1867, 2350 (138, 50, 46)	516, 1429, 2501 (67, 90, 19)	—	—
/ɛ/	RM	480, 1768, 2484 (11, 71, 132)		544, 1851, 2382 (36, 81, 71)	
	RD1	480, 1797, 2534 (151, 303, 11)	516, 1640, 2449 (71, 182, 40)	—	—
	RD2	476, 1814, 2404 (74, 46, 23)	586, 1410, 2509 (30, 67, 42)	515, 1962, 2448 (0, 0, 0)	644, 1303, 1833 (0, 0, 0)

¹² RM = Realização como monotongo. RD1 = 1.º subtipo de realizações ditongadas, definido antes no texto e no Anexo (i.e. o ditongo começa e termina no mesmo eixo articulatório — anterior, pois /e/ e /ɛ/ são vogais anteriores —, como em [je], [jɛ]). RD2 = 2.º subtipo de realizações ditongadas (i.e. o ditongo começa num eixo articulatório (anterior neste caso) e termina já no espaço central, como em [ee], [ɛɛ]). As linhas das realizações ditongadas estão divididas em duas de modo a representar ambos os timbres dos ditongos.



Em Fiscal (Fs), distrito de Braga, e nos pontos de inquérito do distrito do Porto, Barrosas-Santo Estêvão (B-SE) e Sobrado (Sb), verifica-se que coexistem duas vogais na série anterior para além de /i/, uma média-fechada /Ê/ e outra média-aberta /É/.

O mesmo se passa em Gagos (Gg), interior do distrito de Braga, já muito próximo da região transmontana. Aí, porém, verifica-se apenas uma ocorrência isolada de ditongação da vogal /Ê/ final, uma das razões pelas quais nos parece que esta localidade deve ser excluída da região dialectal do NO. Gg é o único ponto de inquérito do NO apresentando um sistema vocálico acentuado quase idêntico ao do português padrão.

No que se refere às vogais da série posterior, verifica-se em todas as localidades do NO a existência de duas vogais médias com diferentes graus de abertura. Tipicamente existem /Ô/ e /Ó/ em contraste; é o que se dá nas localidades de AV, Fs, B-SE e Sb, com diferentes taxas de ditongação para cada vogal. Em CN existe /Ô/ e /ɔ/ (não ditongado, como o do português padrão), e em Gg é usado um sistema idêntico ao da língua padrão.

As vogais cardinais /i/, /a/, /u/ são estáveis em todas as localidades do NO, excepto em CN onde /i/ apresenta ditongação que, no entanto, é contextualmente explicável. CN apresenta /ɔ/ semelhante ao do padrão, tendo portanto quatro vogais iguais a essa variedade, e Gg apenas tem uma diferente do padrão, que, de resto, é apenas ditongada esporadicamente.

É interessante notar que mesmo nas localidades do extremo Norte do Minho, onde há fusão dos graus de abertura das vogais médias anteriores (AV, CN), existe sempre preservação de dois graus de abertura nas vogais posteriores. Isso torna claro que a distinção do grau de abertura em português é um facto de primeira ordem. É também uma característica que opõe a língua ao vizinho castelhano, onde essa distinção foi abolida (Blecua, 2011) e o aproxima do sistema galego, que é idêntico ao do português padrão (Álvarez & Xove, 2002; Freixeiro Mato, 2006).¹³

Os seguintes quadros representam os sistemas vocálicos do NO, de acordo com os quais podemos dividir os pontos de inquérito em três subgrupos dialectais: (i) AV e CN, onde existem apenas duas vogais na série anterior (a /e ε/ do padrão corresponde apenas /Ê/); (ii) Gg, com ditongação residual e, por isso, um sistema quase idêntico ao do padrão; (iii) por último, o *coração* do NO: Fs, B-SE e Sb, com ditongação não residual (opondo-se assim a Gg) e três anteriores (opondo-se a AV e CN). O mapa 2 (Anexo) representa essa divisão dialectal.

Quadro 2. Sistema vocálico de Arcos de Valdevez

¹³ Os autores estão gratos a Xosé Álvarez Perez pelas preciosas indicações fornecidas a respeito do galego.

Fechada	/i/						/u/
Média-fechada		/ê/				/ô/	
Média-aberta					/ó/		
Aberta				/a/			

Quadro 3. Sistema vocálico de Castelo de Neiva							
Fechada	/i/						/u/
Média-fechada		/ê/				/ô/	
Média-aberta					/ɔ/		
Aberta				/a/			

Quadro 4. Sistema vocálico de Fiscal, Barrosas-Santo Estêvão e Sobrado							
Fechada	/i/						/u/
Média-fechada		/ê/				/ô/	
Média-aberta			/é/		/ó/		
Aberta				/a/			

Quadro 5. Sistema vocálico de Gagos							
Fechada	/i/						/u/
Média-fechada		/e/				/o/	
Média-aberta			/é/		/ɔ/		
Aberta				/a/			

A tripartição referida não quer contudo dizer que não existe homogeneidade significativa no NO. O traço mais importante da área é formado, como já vimos, pelas ditongações não-etimológicas das vogais médias; se analisarmos o quadro 6, que mostra a distribuição dessas ditongações nos diferentes pontos de inquérito estudados, podemos constatar que há homogeneidade genérica na região NO — excluindo Gg, como se esperaria do subgrupo dialectal a que pertence.

Quadro 6. Ditongações do NO: correspondência com as vogais /e ε ɔ o/ do português padrão ¹⁴								
	/e/		/ε/		/ɔ/		/o/	
	RD1	RD2	RD1	RD2	RD1	RD2	RD1	RD2
Arcos de Valdevez	✓			✓	✓	✗	✓	✓
Castelo de Neiva	✓			✓	✗	✗	✓	✓
Fiscal	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✗
Gagos	✗	✗	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Barrosas-Santo Estêvão	✓	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✓
Sobrado	✓	✓	✗	✓	✓	✗	✓	✗

Se considerarmos o número de vogais ditongadas, apenas um ponto de inquérito tem menos de metade de vogais ditongadas: Gg, com ditongação apenas em /ε/ (uma em quatro vogais = 25%). Em AV, Fs, B-SE e Sb, que abrangem o NO de Norte a Sul, todas as vogais ditongam; e em CN é apenas uma vogal, /ɔ/, que não ditonga. Temos portanto quatro em seis pontos de inquérito com

¹⁴ As colunas de /e/ e /ε/ estão fundidas em Arcos de Valdevez e Castelo de Neiva porque aí existe apenas, como foi visto, uma vogal média anterior (/ê/).

100% de vogais ditongáveis, um com 67% e outro, destacado, com apenas 25%; os primeiros quatro pontos de inquérito têm, como ficou referido, uma abrangência total no eixo Norte-Sul da região em consideração.

Se utilizarmos outro parâmetro de análise, a relação do número total de subtipos de ditongação possíveis — dois por vogal = seis em AV e CN e oito nas restantes localidades —, constatamos mais uma vez a *homogeneidade genérica* do NO dialectal (que exclui Gg) referida acima. Agora também é Gg o único ponto com menos de 50% de ditongação: 12,5%, pois tem apenas uma ditongação em oito possíveis. AV e Fs, no extremo Norte do NO, ficam acima dos 75% ($5/6 = 83,3\%$ e $7/8 = 87,5\%$, respectivamente), mas B-SE, no Sul (distrito do Porto), tem exactamente $6/8 = 75\%$. O restante ponto de inquérito, Sb, tem também mais de metade das ditongações possíveis: $5/8 = 62,5\%$.

A existência de homogeneidade no NO não é visível apenas na distribuição das ditongações. Também o facto de não haver localidades totalmente coincidentes nos tipos de ditongação verificados, como o de nenhuma localidade repetir o inventário de ditongações de outra (cf. quadro 6), indicam esse fundo latente de homogeneidade geolinguística do NO dialectal. Gg, com ditongação residual, ficará excluído dessa área. Isso faz sentido, pois Gg é o ponto de inquérito mais interior da área considerada, ficando já muito próximo do distrito de Vila Real, onde as ditongações, de acordo com os estudos dialectais, não ocorrem. As ditongações são, como refere Cintra (1983, p. 153 e mapa 2), um fenómeno típico do Noroeste do país; Gg, vê-se, pertence já ao Norte interior — o mesmo é dizer que não pertence à *Variedade do Baixo-Minho e Douro Litoral* definida por Cintra (*ibid.*).

O nome que Cintra atribui a essa variedade indica, contudo, o foco da mesma no Sul do NO, pois é a variedade do *Baixo Minho* (zona de Braga) e *Douro Litoral* (zona do Porto), e não também do Alto Minho (zona de Viana do Castelo). De facto, o A. exclui quase todo o Alto Minho da variedade, como se pode ver no mapa 2 da *Nova Proposta*. Os nossos dados indicam, porém, que a área mais a Norte do NO (logo, o Alto Minho) pertence totalmente à variedade dialectal destacada do NO português: o triângulo AV-CN-Fs, que representa a metade Norte da área abrangida no presente estudo, tem todas as ditongações. Esse triângulo parece aliás ser o foco principal de ditongações da área (contradizendo mais uma vez a *Nova Proposta*), pois (i) como vimos, AV e Fs são os pontos de inquérito com mais subtipos de ditongação ($5/6$ e $7/8$) ¹⁵ e (ii) se analisarmos a frequência das ditongações, é a Norte que ela é maior. O quadro 7 apresenta as frequências das realizações ditongadas em todos os pontos de inquérito, onde se vê que AV e CN, respectivamente com 74 e 54 % de ocorrência média de formas ditongadas por vogal, são os únicos pontos em que a ocorrência dessas formas é maior do que a de formas monotongadas; Fs, a restante localidade do triângulo Norte, é a que se segue na hierarquia, com 36%. Gg, aqui como nos parâmetros qualitativos que vimos na análise ao quadro 6, apresenta ditongação residual.

Pode também observar-se, tal como naqueles parâmetros, variação entre vogais e pontos de inquérito; é um exemplo o /Ê/ em AV e CN, que, não obstante ser uma vogal historicamente diferente da dos restantes pontos de inquérito (pois representa a fusão de /e ε/ do padrão, sendo a única vogal média anterior nas duas localidades), ditonga em 80% das formas em AV e em apenas 21% das formas em CN. Esse facto mostra mais uma vez a *homogeneidade latente* do NO.

Quadro 7. Percentagem das realizações ditongadas no total de realizações de cada vogal fonológica ¹⁶

¹⁵ No outro parâmetro que vimos na análise ao quadro 6, o número de vogais ditongáveis, não existe diferença significativa Norte-Sul no NO.

¹⁶ Os valores percentuais são valores médios de cada vogal construídos do mesmo modo que os restantes valores médios absolutos apresentados neste artigo, ou seja, são o resultado da média dos valores dos quatro contextos consonânticos em que as vogais ocorrem (eles próprios também valores médios).

RD1 e RD2 representam, respectivamente, o peso do primeiro e do segundo subtipos de ditongação de qualquer uma das vogais anteriores ou posteriores médias no total das realizações da vogal em causa; veja-se a definição desses subtipos atrás em 4.1 ou no Anexo, II. O parâmetro RD1 + RD2 representa o peso combinado dos dois subtipos de ditongação na vogal em questão, isto é, representa o total de realizações ditongadas da vogal. Se o RD1 + RD2 da vogal /α/

		Arcos de Valdevez	Castelo de Neiva	Fiscal	Gagos	Barrosas-Santo Estêvão	Sobrado
/i/		0	19	0	0	0	0
/Ê/	RD1	13	19	48	—	42	27
	RD2	67	2	4	—	8	24
	RD1 + RD2	80	21	52	—	50	51
/É/	RD1	—	—	22	8	19	5
	RD2	—	—	10	—	—	—
	RD1 + RD2	—	—	32	8	19	5
/Ó/	RD1	67	—	25	—	14	35
	RD2	—	—	5	—	—	—
	RD1 + RD2	67	—	30	—	14	35
/Ô/	RD1	42	82	31	—	40	41
	RD2	32	4	—	—	4	—
	RD1 + RD2	74	86	31	—	44	41
Média de RD1 + RD2 ¹⁷		74	54	36	8	32	33

A proposta de Cintra não refere dois outros factos importantes que os dados mostram; por um lado, a existência de ditongação não apenas nas médias-fechadas mas também nas médias-abertas e na alta anterior (esta apenas numa localidade, CN); por outro lado, a ocorrência, em todas essas vogais com excepção da alta anterior, de dois subtipos de ditongação, os que definimos como RD1 e RD2 (Cintra, 1983, p. 153 cita apenas a ditongação de "[e] em [je], [o] em [wo] (por vezes [wɐ])" (adaptámos a notação fonética do A.)).

Existem, assim, dados novos a tomar em consideração na definição do panorama dialectal do Noroeste português. O número de pontos de inquérito que utilizamos não nos permite delimitar uma isófona para a região subdialectal do NO (a Variedade do Baixo Minho e Douro Litoral de Cintra), mas os dados apresentados não deixam de rever de forma significativa as ideias sobre essa área dialectal. Desde já podemos dizer, recapitulando o que vínhamos referindo, que: (i) o Alto Minho não deve ser excluído dessa área, cujos traços são mesmo exponenciados a Norte e não a Sul; (ii) traços esses que não são apenas a ditongação das médias-fechadas (/e o/ do português padrão) mas também das médias-abertas (/ɛ ɔ/) e, talvez ainda, da alta anterior (/i/, cuja ditongação só se encontra em um dos seis pontos de inquérito); (iii) as ditongações das vogais médias não se resumem a um subtipo (início e fim do ditongo no mesmo eixo articulatório da vogal, seja ele anterior ou posterior) mas a dois (o segundo sendo o ditongo com início no eixo anterior ou posterior, consoante a vogal etimológica, e fim no espaço central). Estes três pontos não fazem parte, como vimos, das ideias estabelecidas sobre o panorama dialectal do NO e, por arrasto, do português continental.

Sistematizámos os sistemas vocálicos dos seis pontos de inquérito em três grupos, indicados no mapa 2. Podemos no entanto, numa perspectiva mais fonológica e menos dialectal, reduzir essa lista para dois sistemas vocálicos, os de AV e CN, por um lado, e os de Fs, Gg, B-SE e Sb, por outro. Como vemos nos quadros 2-5, só AV e CN não preenchem a totalidade das *casas* possíveis na região (sete, como no português padrão); as outras quatro localidades têm sempre o mesmo número de unidades do padrão, independentemente de serem vogais que ditongam ou não, mas AV e CN têm menos uma unidade no eixo anterior (pois deu-se aí a fusão de /e/ e /ɛ/ do latim vulgar). O quadro 8 apresenta a sistematização máxima dos sistemas vocálicos acentuados fonológicos do NO, em relação com o inventário de sete vogais do português padrão. São definidos dois grupos: o grupo dos sistemas com sete unidades — Fs, Gg, B-SE, Sb e o próprio português padrão — e o grupo dos sistemas com seis unidades — AV e CN.

for 30%, sabemos que existem 70% de realizações dessa vogal como monotongo (mas não sabemos, naturalmente, qual o peso específico de RD1 ou RD2).

Os parâmetros RD1, RD2 e RD1 + RD2 não são apresentados para a vogal /i/ porque esta só tem um tipo de ditongação.

¹⁷ Este valor consiste na frequência média de ditongação das vogais não altas por ponto de inquérito, ou seja, no peso médio das realizações ditongadas de /Ê É Ó Ô/ em cada localidade.

Quadro 8. Correspondência do sistema fonológico do português padrão com os sistemas do NO							
Português padrão	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Fiscal, Gagos, Barrosas-Santo Estêvão, Sobrado	i	Ê/e	É	a	Ó/ɔ	Ô/o	u
Arcos de Valdevez, Castelo de Neiva	i	Ê		a	Ó/ɔ	Ô	u

O grau de abstracção utilizado na formulação desses dois sistemas vocálicos do NO é maior do que o necessário para descrever cada um dos seis falares dos pontos de inquérito da região e, por seu lado, menor do que o grau de abstracção indispensável para descrever o português padrão (apenas um sistema).

5. Articulação dos dados do Noroeste com os do Centro-Sul

Passemos agora em revista os dados estudados acusticamente por Brissos (2014) relativos aos dialectos portugueses centro-meridionais. Os seus dados destes dialectos cobrem já treze pontos de inquérito (cf. mapa 1), dos quais sete revelam o mesmo sistema vocálico do português padrão. Os outros seis apresentam aparentemente sistemas diferentes, como se pode ver no quadro 9 a seguir. Este quadro discrimina as localidades por ordem de semelhança com o português padrão. Não são indicadas as realizações dos ditongos /eɪ/ e /oʊ/, a que correspondem sempre pronúncias monotongadas em todos os pontos de inquérito; /eɪ/ tem a realização [e] em toda a região e /oʊ/ a realização [o] em todos os pontos com excepção de Alpalhão (Alp), onde é realizado como [ə].

Quadro 9. Correspondência do sistema fonológico do PE com os inventários vocálicos do Centro-Sul (a partir de Brissos, 2014)							
Sistema igual ao do português padrão: Santa Luzia, Zambujeira do Mar, Baldios, Carrapateiro, Foros do Arrão, Cabeço de Vide e Freixial	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Foros da Casa Nova	i	e	ɛ	a	ɔ	o	ʊ
Alpalhão	i	ɘ	ɛ	a	ɔ	o	ʊ
Alcochete	i	ẽ	ɛ	a	ɔ	o	u
Praia da Salema	ĩ	e ɛ	ɛ æ	ɐ	ɔ	o	ʊ
Mesquita	ĩ	e ɛ	ɛ æ	a	ɔ	o	u
Quintos	i	e	e	æ	a	ɔ	u

Podemos observar no quadro que todas as vogais excepto /o/ podem ter associado em algum destes pontos de inquérito um timbre específico, mais ou menos diferente consoante o caso. Verifica-se que as vogais /i/ e /a/ do padrão só na Praia da Salema (PS) são sistematicamente realizadas como segmentos diferentes, [ĩ] e [ɐ], razão pela qual é essa a sua qualidade fonológica (/ĩ/, /ɐ/). A vogal /u/ do padrão corresponde igualmente a uma vogal fonológica diferente em Foros da Casa Nova (FCN), Alp e PS (/ʊ/).

Vejam as restantes vogais anteriores. À vogal /e/ do padrão corresponde [e], só ou em conjunto com outra realização, em todos os pontos de inquérito com a excepção de Alp e Alcochete (Alc). Nessas duas localidades, essa vogal assume, respectivamente, as formas [ɘ] e [ẽ] de modo sistemático, o que quer dizer que nesses locais, em vez de /e/, existe respectivamente /ɘ/ ou /ẽ/.

Em PS e Mesquita (Ms) há a considerar o deslocamento em cadeia das vogais tradicionalmente descrito para o Barlavento algarvio (cf. Cintra, 1983; Segura, 1987). Segundo esses autores, a abertura de /e/ causa a mudança de /ɛ/, tendo como resultado a existência de /æ/ no inventário fonológico dessa variedade linguística. De acordo com Brissos (2014), /e/ corresponde, nesses falares, a [e] em três contextos: quando está em posição final (e.g. ['ve] *vê*, ['le] *lê*), quando é seguido

de consoante palatal ([*'sele*] *selha*, [*'veʒ*] *veja*) e quando existem ou existiram /e/ ou /i/ átonos na sílaba seguinte, hoje realizados como [i] ou elididos ([*'red*] *rede*, [*'levid*] *lêvedo*). Nos restantes contextos, /e/ tem uma realização mais aberta, [ɛ] em PS e [ɛ] em Ms; e.g. [*'sɛk*]/[*'sɛk*] *seco* (Adj.), [*ke'bɛsɛ*]/[*ke'bɛsɛ*] *cabeça*, [*fɛ'zɛr*]/[*fɛ'zɛr*] *fazer*.

A vogal /ɛ/ está sujeita a uma distribuição semelhante: mantém-se [ɛ] nos mesmos três contextos em que /e/ se mantém [e] — e.g. [*'pɛ*] *pé*, [*'fɛ*] *fé*; [*'vɛλ*] *velho*, [*'vɛλɛ*] *velha*; [*'sɛt*] *sete*, [*e'lɛgr*] *alegre* — e abre em [æ] nos mesmos contextos em que /e/ também abre — e.g. [*'sæɡ*] *cego*, [*'tære*] *terra*.

O número de oposições geradas pelas distribuições de /e/ e /ɛ/ é no entanto reduzido, como deixa patente Segura (1987, pp. 342 ss.). Isso, juntamente com o facto de as distribuições das diferentes qualidades vocálicas serem previsíveis, leva-nos a propor que essas mesmas distribuições são conciliáveis com o sistema do português padrão. Ou seja, a variação nas vogais anteriores não altas que se verifica em PS e Ms é explicável recorrendo ao sistema proposto para o português padrão, com regras fonológicas complementares. Assim, teremos em PS e Ms /e/ = [e ɛ]/[e ɛ] e /ɛ/ = [ɛ æ]/[ɛ æ].

As propostas de interpretação de Cintra, Segura e Brissos, que consideram a existência de três vogais anteriores não altas para esses sistemas, explicam-se, por um lado, pela perspectiva típica da dialectologia, que indexa a cada falar/variedade o seu sistema fonológico (relembre-se o que foi dito na Introdução); por outro lado, porque esses autores (continuando a fazer uso da perspectiva dialectológica) consideram a vogal resultante da monotongação de [ej] ([e]) ao mesmo nível das restantes vogais, dando uma distribuição mais vasta a [e] e, por isso, acrescentando-lhe o número de oposições com [ɛ]/[ɛ]. Como refere Segura (1987, p. 344), "o facto de [e] resultar de dois processos históricos diferentes (os casos, limitados, em que [e] não abriu e a monotongação do ditongo [ej]) assegura ao fonema /e/ uma distribuição em todas as posições e praticamente em todos os contextos [e] < [ej] suprimindo as limitações [*do restante [e]*]."

Em Quintos (Qt), é só /ɛ/ que tem divergências para com a variedade standard. Essa vogal realiza-se como [æ] nos mesmos contextos em que existe [æ] em PS e Ms e [e] nos mesmos contextos em que existe [ɛ]/[ɛ] em PS/Ms. Qt está, portanto, sujeito parcialmente ao mesmo tipo de variação daqueles dois locais. Apenas em Qt o [ɛ] que não é realizado como [æ] evoluiu para uma vogal média-fechada, não média-média (o [ɛ] de PS) ou média-aberta (o [ɛ] de Ms); a contextualização fonética é exactamente a mesma. Uma vez que Qt não comporta, para o grau de abertura seguinte a /e/, a forma [ɛ] (ou o próximo [ɛ] de PS), mas apenas [æ], não pode ser claramente abrangido pela qualidade típica da vogal /ɛ/ do padrão. Assim, propomos que a representação do subsistema das vogais anteriores de Qt seja /i e æ/, e não, como PS e Ms, a representação /i e ɛ/ do padrão. A representação indicada para Qt é coerente com a representação proposta para a anterior média-fechada de Alp e Alc, que vimos acima.

As vogais da série posterior apresentam menos variação do que as anteriores. A vogal /ɔ/ do português padrão surge como [ɔ] apenas em PS e em Qt e, por seu turno, /o/ é realizado sempre como [o] (o que a torna a vogal mais estável no Centro-Sul). A realização [ɔ] de Qt e PS, uma vez que é sistemática, deve ser considerada fonológica, e por isso, os sistemas de vogais posteriores desses pontos de inquérito são respectivamente /ɔ o u/ e /o ɔ o u/.

O quadro 10 sistematiza os sistemas fonológicos que vimos ao longo deste trabalho serem necessários para representar as variedades dialectais componentes do Noroeste e do Centro-Sul portugueses. Pode observar-se que os dialectos do Centro-Sul apresentam, com mais frequência do que se poderia supor, diferenças vocálicas importantes face ao português padrão: cinco em treze pontos de inquérito, mais de um terço, não são representáveis pelo sistema padrão. Se compararmos o vocalismo desses dialectos com o do Noroeste, vemos mesmo que eles não são mais próximos do padrão do que os segundos. De facto, como refere Brissos (2014), a relação dos dialectos centro-meridionais com o português padrão não é tão estreita como Cintra supunha e, em consequência, como se costuma pensar.

Português padrão e locais representáveis com base no mesmo sistema: Fiscal, Gagos, Barrosas-Santo Estêvão, Sobrado (Noroeste); Santa Luzia, Zambujeira do Mar, Mesquita, Baldios, Carrapatelo, Foros do Arrão, Cabeço de Vide, Freixial (Centro-Sul)	padrão com os sistemas do NO ¹⁸						
	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Foros da Casa Nova	=	=	=	=	=	=	ʈ
Alpalhão	=	ɔ	=	=	=	=	ʈ
Alcochete	=	ẽ	=	=	=	=	=
Praia da Salema	i	=	=	ɒ	ɔ	=	ʈ
Quintos	=	=	æ	=	ɔ	=	=
Arcos de Valdevez, Castelo de Neiva	=	Ê		=	=	=	=

6. Conclusões

A articulação entre os dados acústicos e a natureza estritamente fonológica que as línguas deles operam é uma questão central nos estudos linguísticos. Logo em Jakobson *et al.* (1952) se encontra um dos primeiros trabalhos a interessar-se pela estrutura linguística mais especificamente do que pela realidade acústica dos sons da fala, apesar de a teoria linguística aí apresentada assentar em noções acústicas avançadas. Fant, um dos autores de Jakobson *et al.* (1952), revela algumas dúvidas em relação à possibilidade de casar numa única teoria a fonologia com os factos fonéticos (Fant, 1986), pois acha que só estes últimos têm sido descritos de forma cada vez mais segura, enquanto a deriva fonológica tem impedido um claro avanço na articulação das duas faces do problema.¹⁹

Tentámos, ao longo das secções precedentes, conciliar as realidades fonéticas aqui descritas com a representação fonológica predita pelos principais estudos fonológicos do português (entre os quais, Mateus, 1982 e Mateus & Andrade, 2000), tendo como base os três principais objectivos da Fonologia, bem sumariados por Ladefoged (2004, p. 2; tradução nossa):

1. Como representar os contrastes lexicais entre as palavras?
2. Quais são as restrições à ocorrência de sons nas palavras numa dada língua (ou o que é uma sílaba bem formada)?
3. Como descrever as relações entre as entradas lexicais subjacentes e as produções fonéticas observáveis (ou os padrões sonoros das línguas)?

Considerámos a literatura relativa às variedades do PE e os resultados das análises levadas a cabo no NO, testando a adequação do inventário segmental proposto pelos estudos citados para o PE à interpretação dos dados de todos os pontos de inquérito utilizados no presente estudo e em Brissos (2014).

Relativamente aos dados acústicos do vocalismo acentuado do NO, nos quais se incluem variantes fonéticas desconhecidas de outras variedades do português, chegámos à conclusão de que, apesar disso, pode ser utilizado o mesmo sistema fonológico tradicionalmente usado no português para descrever quatro dos seis pontos de inquérito. Os dados mostram especialmente a existência de vogais ditongadas em variação com as formas vocálicas habituais. Essas formas ditongadas são

¹⁸ Os locais pertencentes ao NO que apresentam diferenças para com o padrão são destacados com sombreado laranja.

¹⁹ Como refere Ladefoged (2004, p. 2), “In a discussion of his early collaboration with Jakobson, Fant (1986) notes that: “It was the great undertaking of Roman Jakobson [...] to attempt to unify, within the same theoretical frame, [...] [1] a language-universal system of phonetic categories selected to serve phonological classificatory functions [and 2] the essentials of the speech code, i.e., distinctive dimensionalities and mechanisms of encoding within the speech chain.” (Fant 1986:480). When making these later comments Fant expresses doubts as to the possibility of a unified theory. He gives an interesting insight into the marriage between phonetics and phonology, noting that “Phonetics is the stable part of the marriage, while phonology is promiscuous in its experimenting with widely different frameworks.” (Fant 1986:481) As we go on with this review of phonetics and phonology we will see that Fant had it right 20 years ago. Phonetics is deepening its roots in undisputed factual ground, while phonology continues to flirt with new approaches.”

divididas em dois grupos: a ditongação de /i/, que apenas se dá em CN e é sobretudo contextual, e a das vogais médias anteriores, com uma presença vasta na região. O segundo grupo divide-se, por sua vez, em dois tipos de realização bem diferenciados, um que consiste, por norma, num ditongo crescente (por exemplo, [wo]) e outro num ditongo decrescente (por exemplo, [ɛɛ]). Para além desses fenómenos, surge em dois pontos de inquérito do extremo Norte (AV e CN) uma neutralização da oposição fonológica entre as duas vogais médias anteriores, que se fundem na forma de uma vogal tendencialmente média-fechada. Por isso propusemos a existência de dois inventários subjacentes no NO (ver quadro 8).

Pudemos ainda descortinar a grande independência de Gg face à restante região, por só conter uma ocorrência de ditongação, contrariamente a todos os outros pontos de inquérito estudados. Gg forma, aliás, um dos três subgrupos dialectais em que dividimos o NO (cf. mapa 2): de um lado AV e CN, com fusão das médias anteriores, de outro Gg, com ditongação residual, e finalmente o *core* do NO, Fs, B-SE e Sb, sem fusão das médias anteriores (ao contrário de AV e CN) e com ditongação significativa (ao contrário de Gg). Todos esses pontos de inquérito pertencem à região dialectal do NO, com excepção de Gg. Sendo a característica definidora dessa região as ditongações de segmentos que o padrão, de acordo com a etimologia, realiza como monotongos, Gg assume destaque evidente pela falta das mesmas.

Analizados os resultados, obtemos uma visão nova de vários aspectos fundamentais da paisagem dialectal portuguesa do Noroeste, a saber:

- a) o extremo Norte do NO não fica de fora da variedade dialectal destacada do NO, pois os traços característicos dessa variedade são patentes em toda a área estudada;
- b) a metade Norte do NO é, aliás, onde os traços típicos da região se exponenciam;
- c) as ditongações do NO verificam-se não só nas vogais médias-fechadas mas também nas médias-abertas e, em menor grau (pois apenas foi registada em um ponto de inquérito), na alta anterior;
- d) as ditongações das vogais médias do NO dividem-se em dois subtipos, e não em apenas um.

É claro que apenas estudos de microvariação ulteriores permitirão esclarecer a dimensão exacta dessas conclusões, pois a rede de pontos de inquérito que utilizamos não é suficientemente densa para dar a visão definitiva, de pormenor, de factos como os mencionados. Mas, tendo em conta (i) a evidência das conclusões (desde logo pela absoluta coerência geográfica de que dependem, como referimos na nota 7 e pudemos ver no ponto 4, mas também pelas divergências dos valores formânticos, como vimos no mesmo ponto) e (ii) a fidedignidade dos dados utilizados (já comprovada, como também dissemos na nota 7), é imperativo inferir que as ideias estabelecidas sobre o NO dialectal não são tão certas como as tomávamos; mais do que isso, necessitam de ser revistas. Temos assim que, tal como os dados acústicos de Brissos (2014) relativos ao Centro-Sul do país, os do presente trabalho permitem questionar e reformular, a partir de informação mais precisa do que a informação tradicional (de base impressionista), ideias fundamentais sobre uma região subdialectal destacada de Portugal continental. Não poderemos desenvolver aqui essa revisão, mas existirão implicações para futuros estudos dialectais de conjunto do português (i.e. estudos que traçam o panorama dos dialectos do português europeu). Desde logo, o que está consagrado como Variedade do Baixo Minho e Douro Litoral (a partir da *Nova Proposta* de Cintra) deverá ser alargado para conter pelo menos parte dos dialectos do Alto Minho, o que significa que o Noroeste dialectal é muito mais próximo do Noroeste geográfico (e, por isso, consideravelmente maior) do que se supunha.

Toda essa revisão de ideias põe em evidência um ponto metodológico importante: a utilidade dos dados acústicos para o estudo dos dialectos portugueses. Para além de os dados acústicos serem em si mais fiáveis do que os dados perceptivos/impressionistas (pois são mais objectivos e quantitativos), e por isso sempre úteis em abstracto, vemos que, no concreto, os dados acústicos trazem novidades importantes para o estudo daqueles dialectos. Este facto tem de ser destacado,

pois quase não existem estudos acústicos dos dialectos portugueses; mesmo no que toca à grande maioria dos países, a dialectologia acústica tem ainda uma tradição muito diminuta. Importa incrementar o uso de ferramentas acústicas no estudo dos dialectos, pois, apesar de esse uso implicar um trabalho superior ao exigido pela metodologia tradicional, a dialectologia carece desse passo em frente.

Estamos também em condições de retomar as principais questões anteriormente formuladas, a que conseguimos responder na maior parte.

É possível utilizar o sistema fonológico estabelecido para o português padrão para representar todas as variedades dialectais continentais? Não, nem sempre, porque nos dados do NO vimos dois pontos de inquérito, AV e CN, que necessitam de um sistema específico por terem apenas duas vogais na série anterior e, no Centro-Sul, existem também vários locais que requerem representações diferentes. Naquelas localidades do NO há neutralização de uma oposição fonológica com concomitante redução de uma unidade no inventário (/ε/), ao passo que no Centro-Sul existem realizações com qualidades vocálicas sistematicamente diferentes em FCN, Alp, Alc, PS e Qt (ver quadro 10). Todas estas localidades requerem a postulação de inventários fonológicos próprios.

Existem portanto duas vertentes pelas quais o sistema fonológico proposto para descrever o vocalismo tónico do PE não é conciliável com todas as realidades dialectais continentais: (i) a existência de variedades com menos contrastes do que o padrão; (ii) a existência de variedades com o mesmo número de unidades do padrão mas qualidades vocálicas sistematicamente diferentes.

A conciliação do sistema fonológico do português padrão com as variedades continentais tem, assim, uma eficiência que está longe de ser máxima: dos dezanove pontos de inquérito considerados neste estudo, sete (37%) não podem ser representados por esse sistema, num total de seis sistemas diferentes (pois dois pontos de inquérito, AV e CN, são representáveis pelo mesmo sistema).

Em todo o caso, não deixámos de estabelecer as correlações possíveis entre os dados de todas as áreas já estudadas acusticamente, sempre com a preocupação de não sugerir um número excessivo de sistemas fonológicos, uma vez que em termos perceptivos há certos contrastes acústicos que são neutralizados. Identificámos um número de sistemas fonológicos que parece adequado e que, como vimos, é já o compromisso possível entre vários tipos de realizações fonéticas. Não estabelecemos qualquer relação entre os sistemas vocálicos e os sistemas consonânticos, no entanto, estas informações ajudarão certamente no futuro a definir áreas dialectais de um modo mais preciso.

Será que as variedades geograficamente mais afastadas apresentam mais diferenças entre si do que as mais próximas? Não necessariamente: vimos que os dialectos do Centro-Sul não são mais próximos do português padrão do que os do Noroeste. Representará essa dissemelhança do português padrão para com a área onde reside há séculos a preservação de um forte laço histórico com o Noroeste, de onde é originário?

Referências

- Álvarez, R. & X. Xove (orgs.) (2002): *Gramática da lingua galega*. Galaxia, Vigo.
- Andrade, E. d.o& A. Khim (1987): Fonologia auto-segmental e nasais em português, in: *Actas do 3º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, Lisboa, pp. 51-60.
- Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português, página web: <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/538-avoc-acoustic-atlas-of-portuguese-stressed-vowels>.
- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, página web: <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg?showall=1>.
- (1974): *Questionário linguístico*. Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, Instituto de Linguística, Lisboa. 3 vols..
- Barbosa, J. Morais (1965): *Études de phonologie portugaise*. Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa.
- (1994): *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Almedina, Coimbra.
- Brissos, F. (2012): *Linguagem do Sueste da Beira no tempo e no espaço*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa.

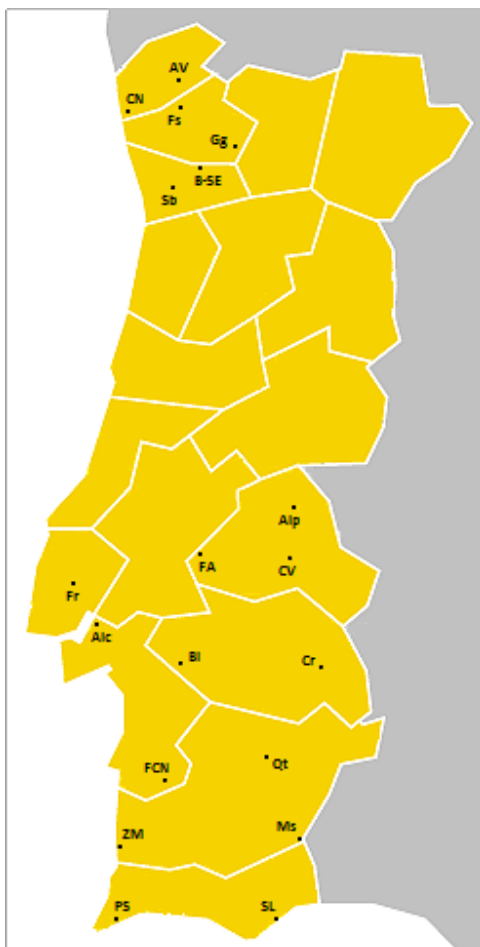
- (2014): New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels. *Journal of Portuguese Linguistics*, 13 (1), pp. 63-115.
- Delgado-Martins, M^a Raquel (2002): Análise acústica da vogais tónicas do português, in: *Fonética do português: trinta anos de investigação*. Caminho, Lisboa, pp. 41-52. (1.^a publicação: 1973, *Boletim de Filologia*, XXII, pp. 303-314.)
- Escudero, P., P. Boersma, A. S. Rauber, & R. Bion (2009): A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese. *Journal of the Acoustical Society of America*, 126 (3), pp. 1379-1393.
- Blecua, J. (coord.) (2011): *Nueva gramática de la lengua española: Fonética y fonología*. Asociación de Academias de la Lengua española, Real Academia Española, Madrid.
- Castro, I. (2006): *Introdução à história do português*. 2.^a edição, Colibri, Lisboa.
- Cintra, L. Lindley (1983): Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses, in: *Estudos de dialectologia portuguesa*. Sá da Costa, Lisboa, pp. 117-163. (1.^a publicação: 1971, *Boletim de Filologia*, XXII, pp. 81-116.)
- Cunha, C. & L. Lindley Cintra (1984): *Nova gramática do português contemporâneo*. João Sá da Costa, Lisboa.
- Fant, G. (1986): Glottal flow, models and interaction. *Journal of Phonetics*, 4 (3/4) (Theme issue, Voice Acoustics and Dysphonia), pp. 393-399.
- Ferreira, M. Barros, E. Carrilho, M. Lobo, J. Saramago & L. Segura da Cruz (1996): Variação linguística: perspectiva dialectológica, in: Faria, I., Pedro, E., Duarte, I., & C. Gouveia (orgs.): *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Caminho, Lisboa, pp. 479-502.
- Freitas, M^a João (2004): The vowel [i] in the acquisition of European Portuguese, in: Kampen, J. van & S. Baauw (orgs.): *Proceedings of GALA 2003*. LOT, Utrecht, pp. 163-174.
- Freixeiro Mato, X. (2006): *Gramática da língua galega: I. Fonética e fonologia*. 2.^a edição, A Nosa Terra, Vigo.
- Gottschalk, M^a Filipa (1977): Trabalhos preparatórios para o ALEPG. Separata de *Actas del V Congreso Internacional de Estudios Lingüísticos del Mediterráneo*. S.n., Madrid, pp. 573-578.
- Jakobson, R., G. Fant & M. Halle (1952): *Preliminaries to speech analysis. The distinctive features and their correlates*. Acoustics Laboratory, Massachusetts Inst. of Technology, Technical Report No. 13 (58 pages). (Re-published by MIT press, seventh edition, 1967).
- Ladefoged, P. (2004): Phonetics and phonology in the last 50 years. *UCLA working papers in phonetics*, 103, pp. 1-11.
- Martins, Ana M^a & G. Vitorino (1989): Palatalisation et vélarisation conditionnées de la voyelle tonique dans certains dialectes portugais. Evolutions identiques dans l'espace roman, in: *Espaces romans. Études de dialectologie et de géolinguistique offertes à Gaston Touaillon*. Vol. II, ELLUG, Grenoble, pp. 330-356.
- Mateus, M^a Helena & E. d'Andrade (2000): *The phonology of Portuguese*. O.U.P., Oxford.
- Mateus, M^a Helena (1982): *Aspectos da fonologia portuguesa*. Textos de linguística, 6, INIC, Lisboa.
- Rodrigues, C. (2002a): Variação Linguística em Porto, in: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*. Centro de Linguística da Universidade do Porto, Porto, vol. 1, pp. 119-130.
- (2002b): Questões de espalhamento em PE, in: *Actas do XVII^o Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, Lisboa, pp. 419-432.
- Saramago, J. (2006): O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Separata de *Estudis Romànics*, XXVIII, pp. 291-298.
- Segura (da Cruz), (M^a) L. (1987): *A fronteira dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação de doutoramento inédita, Universidade de Lisboa.
- (2013): Variedades dialectais do português europeu, in: Raposo, E. Paiva, M^a F. Bacelar do Nascimento, M^a A. Mota, L. Segura & A. Mendes (orgs.): *Gramática do português*, I. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 85-142.
- Vasconcelos, J. Leite de (1970): *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2.^a edição com aditamentos e correcções do autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcellos», por Maria Adelaide Valle Cintra. Centro de Estudos Filológicos, Lisboa. (1.^a edição: 1970, Aillaud, Paris.)
- Veloso, J. (2005): A língua na escrita e a escrita na língua. Algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonémicas na escrita do português e outras questões, in: *Da investigação às práticas. Estudos de natureza educacional*. Escola Superior de Educação de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, Vol. VI (1), pp. 49-69.
- (2012): Vogais centrais do português europeu contemporâneo: uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos. *Letras de Hoje*, 47 (3), pp. 234-243.

Notice: This paper is under copyright and the publisher should be contacted for permission to re-use or reprint the material in any form.

- (2013): Redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo: assimetria dos elementos de tonalidade e interação entre diversos tipos de redução vocálica, in: *Textos seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, Coimbra, pp. 655-672.

ANEXO

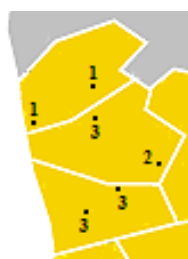
I. Mapas²⁰



Mapa 1. Pontos de inquérito utilizados no presente estudo e em Brissos (2014)

Legenda:

1. Pontos de inquérito deste estudo (Noroeste): **AV** = Arcos de Valdevez. **CN** = Castelo de Neiva. **Fs** = Fiscal. **Gg** = Gagos. **B-SE** = Barrosas-Santo Estêvão. **Sb** = Sobrado.
2. Pontos de inquérito de Brissos (2014) (Centro-Sul): **Alp** = Alpalhão. **FA** = Foros do Arrão. **CV** = Cabeço de Vide. **Fr** = Freixial. **Alc** = Alcochete. **FCN** = Foros da Casa Nova. **BI** = Baldios. **Cr** = Carrapatelo. **Qt** = Quintos. **Ms** = Mesquita. **ZM** = Zambujeira do Mar. **PS** = Praia da Salema. **SL** = Santa Luzia.



Mapa 2. Divisão subdialectal da área estudada

Legenda: **1** = pontos de inquérito com fusão de /e/ e /ε/ normativos e etimológicos. **2** = ponto de inquérito com ditongação residual. **3** = pontos de inquérito sem fusão de /e/ e /ε/ normativos e etimológicos e com ditongação não residual.

²⁰ Os mapas utilizados neste anexo são adaptações do mapa geral dos pontos de inquérito do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza constante do website do projecto (ver Referências).

II. Dados acústicos

O quadro A apresenta os valores Hertz médios dos primeiros três formantes (respectivamente F1, F2 e F3) das vogais e ditongos dos pontos de inquérito considerados. As figuras A a H sistematizam esses valores em cartas de formantes clássicas (F1 e F2).

Explicações complementares:

1. O quadro A lê-se do seguinte modo.

Os valores dos formantes em cada coluna são dados pela ordem F1, F2, F3. Por exemplo, se encontramos a sequência 500, 1500, 3000 temos que o F1 da vogal em questão = 500 Hz, F2 = 1500 Hz e F3 = 3000 Hz.

Os valores são, como foi referido, médios. São médias dos quatro contextos consonânticos controlados nos dados — quando a vogal ocorre depois de consoante bilabial, álveo-dental, palatal ou velar —, e não médias da totalidade indiscriminada dos exemplos de cada vogal. São portanto *médias de médias*, dado que os valores contextuais são eles próprios médias de várias ocorrências. O objectivo desse procedimento é não privilegiar uns contextos em detrimento de outros, isto é, obviar ao facto de nem todos os contextos poderem ter sempre o número de ocorrências pretendido para cada vogal, pois há contextos controlados que são pouco frequentes na língua (e.g. /u/ ou /e/ depois de palatal).

Na coluna «Tipo de ditongação», RM = realização como monotongo e RD = realização como ditongo. RD1 e RD2 dizem respeito à ditongação de vogais médias etimológicas ou do padrão (/e ε ɔ o/); RD1 = realização ditongada de tipo 1, i.e. o tipo de realização em que o primeiro e o segundo timbres do ditongo permanecem no mesmo eixo articulatório — anterior no caso de /Ê É/, posterior no caso de /Ó Ô/; RD2 = realização ditongada de tipo 2, i.e. o tipo de realização em que o segundo timbre do ditongo não é produzido no eixo articulatório do primeiro timbre do ditongo (anterior no caso de /Ê É/, posterior no caso de /Ó Ô/), mas sim no eixo central (como nas realizações [ee εe ɔe oe]). Vejam-se mais pormenores acerca desta tipologia, bem como a explicação dos símbolos empregados para representar os fonemas, respectivamente em 4.1 e 4.2 atrás.

As linhas de cada realização ditongada estão divididas em duas de modo a representar os dois timbres do ditongo.

Todos os casos de desvio-padrão = 0 devem-se ao facto de o fenómeno em questão ocorrer apenas em um contexto consonântico; uma vez que as médias das vogais/ditongos são construídas a partir das médias dos contextos, a ocorrência de um fenómeno em apenas um contexto faz com que a média desse fenómeno seja igual à média do contexto em causa.

2. Nas figuras A a F são apresentadas cartas de formantes de cada ponto de inquérito separadamente, e nas figuras G e H cartas de dois dos três grupos subdialectais de pontos de inquérito do NO (ver a respeito dessa classificação 4.2 e mapa 2); o terceiro grupo é constituído por apenas um ponto de inquérito, Gagos, cuja carta está na figura D.

Os ditongos são representados com setas, indicando o ponto inicial da seta o primeiro timbre (o primeiro *tom*) do ditongo e o ponto final da seta o segundo timbre.

Nas figuras A a F, as setas de cor verde indicam as realizações ditongadas das vogais médias-fechadas; as setas de cor vermelha indicam as realizações ditongadas das vogais médias-abertas; a seta amarela que surge na carta de Castelo de Neiva indica a realização ditongada de /i/, exclusiva desse ponto de inquérito; e as setas de cor azul representam os ditongos *ei* e *ou*.

Nas figuras G e H, que por razões gráficas utilizam as designações abreviadas dos pontos de inquérito constantes do mapa 1, as setas têm uma só cor por ponto de inquérito, a cor correspondente a esse ponto na carta. As ditongações das vogais médias-fechadas são representadas com setas tracejadas, as das vogais médias-abertas com setas contínuas e a ditongação de /i/ de Castelo de Neiva é representada com seta pontuada. Os ditongos *ei* e *ou*, que não assumem relevância para a divisão subdialectal que subjaz a essas duas figuras, não são representados.

Notice: This paper is under copyright and the publisher should be contacted for permission to re-use or reprint the material in any form.

Quadro A. Vogais e ditongos do Noroeste: valores Hertz médios de F1, F2 e F3 (desvios-padrão entre parênteses)													
Vogal ou ditongo	Tipo de realização	Ponto de inquérito											
		Arcos de Valdevez		Castelo de Neiva		Fiscal		Gagos		Barrosas-Santo Estêvão		Sobrado	
i	RM	404, 2060, 2491 (29, 33, 61)		391, 2026, 2674 (11, 16, 99)		428, 2475, 2952 (13, 30, 28)		394, 2133, 3182 (8, 35, 77)		409, 2379, 2860 (18, 37, 53)		396, 2171, 2918 (9, 44, 43)	
	RD	—	—	480, 1886, 2519 (10, 116, 29)	358, 2126, 2854 (20, 30, 47)	—	—	—	—	—	—	—	—
el	RD	491, 1693, 2513 (174, 85, 42)	434, 1982, 2446 (70, 149, 15)	582, 1649, 2385 (19, 101, 75)	426, 1998, 2590 (10, 51, 121)	571, 1930, 2685 (40, 153, 121)	450, 2387, 2910 (17, 96, 116)	495, 1906, 2766 (23, 87, 109)	402, 2123, 3130 (13, 24, 116)	509, 2083, 2791 (37, 198, 37)	438, 2298, 2931 (23, 39, 33)	510, 1897, 2614 (29, 102, 72)	439, 2132, 2831 (12, 20, 140)
e	RM	—		—		—		497, 1900, 2743 (8, 49, 43)		—		—	
Ê	RM	484, 1828, 2423 (15, 90, 100)		547, 1874, 2437 (30, 64, 46)		509, 2180, 2707 (44, 212, 153)		—		505, 1982, 2695 (23, 125, 160)		502, 1989, 2668 (25, 41, 160)	
	RD1	449, 1950, 2503 (51, 116, 37)	511, 1764, 2403 (69, 116, 18)	410, 2065, 2776 (71, 106, 190)	500, 1870, 2630 (23, 48, 166)	459, 2334, 2794 (9, 120, 107)	553, 1960, 2595 (8, 65, 93)	—	—	439, 2276, 3019 (13, 88, 114)	519, 2073, 2830 (18, 49, 60)	482, 2074, 2655 (22, 62, 85)	511, 1891, 2455 (22, 86, 255)
	RD2	465, 1819, 2369 (52, 42, 12)	556, 1419, 2506 (15, 37, 20)	515, 1962, 2448 (0, 0, 0)	644, 1303, 1833 (0, 0, 0)	573, 1919, 2749 (0, 0, 0)	558, 1489, 2763 (0, 0, 0)	—	—	466, 2241, 2864 (50, 253, 466)	530, 1611, 2814 (21, 71, 435)	490, 2066, 2638 (24, 137, 43)	530, 1685, 2585 (19, 46, 73)
É	RM	—		—		654, 1913, 2471 (6, 128, 79)		611, 1749, 2585 (28, 63, 132)		630, 1881, 2768 (21, 58, 19)		571, 1890, 2712 (39, 102, 108)	
	RD1	—	—	—	—	580, 2198, 2656 (0, 0, 0)	709, 1876, 2327 (0, 0, 0)	573, 1861, 2692 (0, 0, 0)	802, 1690, 2978 (0, 0, 0)	546, 2191, 2923 (15, 127, 235)	675, 1845, 2792 (54, 65, 51)	—	—
	RD2	—	—	—	—	580, 2220, 2649 (0, 0, 0)	773, 1561, 2234 (0, 0, 0)	—	—	—	—	644, 1876, 2549 (0, 0, 0)	830, 1718, 2520 (0, 0, 0)
a	RM	694, 1355, 2578 (30, 83, 61)		829, 1473, 2276 (10, 80, 88)		887, 1552, 2321 (19, 28, 17)		762, 1266, 2646 (30, 109, 64)		788, 1539, 2718 (31, 91, 63)		792, 1636, 2664 (25, 48, 55)	
o	RM	—		674, 1060, 2296 (20, 17, 63)		—		606, 974, 2542 (11, 33, 78)		—		—	
Ó	RM	604, 1051, 2594 (4, 60, 159)		—		604, 1071, 2389 (52, 69, 161)		—		647, 1094, 2683 (24, 69, 40)		597, 1115, 2563 (45, 88, 201)	
	RD1	520, 923, 2562 (14, 72, 57)	595, 1050, 2630 (23, 61, 63)	—	—	570, 900, 2315 (3, 37, 169)	661, 1109, 2386 (24, 22, 149)	—	—	576, 977, 2703 (0, 0, 0)	680, 1214, 2814 (0, 0, 0)	538, 992, 2606 (5, 25, 92)	635, 1119, 2556 (46, 78, 75)
	RD2	—	—	—	—	573, 945, 2391	673, 1332, 2334	—	—	—	—	—	—

Notice: This paper is under copyright and the publisher should be contacted for permission to re-use or reprint the material in any form.

Quadro A. Vogais e ditongos do Noroeste: valores Hertz médios de F1, F2 e F3 (desvios-padrão entre parênteses)													
Vogal ou ditongo	Tipo de realização	Ponto de inquérito											
		Arcos de Valdevez		Castelo de Neiva		Fiscal		Gagos		Barrosas-Santo Estêvão		Sobrado	
						(0, 0, 0)	(0, 0, 0)						
o	RM	—		—		—		490, 929, 2495 (19, 73, 73)		—		—	
ô	RM	477, 900, 2561 (18, 30, 103)		519, 1063, 2355 (0, 0, 0)		501, 1018, 2453 (32, 168, 53)		—		493, 1104, 2723 (13, 258, 66)		499, 1105, 2581 (14, 53, 42)	
	RD1	419, 821, 2518 (22, 59, 71)	496, 1079, 2539 (18, 68, 91)	432, 889, 2467 (35, 53, 65)	484, 1094, 2451 (24, 40, 77)	448, 890, 2516 (1, 99, 143)	521, 1147, 2543 (22, 99, 28)	—	—	468, 806, 2857 (13, 25, 91)	525, 1061, 2852 (13, 29, 105)	456, 854, 2630 (25, 93, 216)	527, 1119, 2656 (21, 87, 217)
	RD2	487, 988, 2513 (21, 182, 273)	530, 1246, 2513 (40, 21, 30)	444, 773, 2506 (0, 0, 0)	487, 1489, 2291 (0, 0, 0)	—	—	—	—	472, 1131, 2921 (0, 0, 0)	630, 1503, 2806 (0, 0, 0)	—	—
oU	RD	491, 954, 2494 (106, 71, 24)	440, 812, 2573 (15, 90, 9)	602, 1142, 2391 (26, 106, 52)	471, 884, 2439 (19, 61, 49)	530, 993, 2530 (16, 92, 43)	457, 836, 2531 (26, 67, 34)	479, 921, 2551 (10, 102, 47)	427, 841, 2561 (32, 55, 42)	501, 1028, 2764 (14, 160, 66)	466, 870, 2851 (20, 45, 105)	518, 1078, 2566 (20, 86, 104)	471, 904, 2678 (24, 38, 26)
u	RM	449, 871, 2460 (30, 115, 81)		436, 932, 2415 (10, 31, 72)		448, 963, 2579 (12, 32, 29)		417, 927, 2419 (7, 63, 65)		452, 1037, 2735 (14, 182, 88)		436, 950, 2519 (18, 49, 32)	

Figura A. Carta de formantes de Arcos de Valdevez

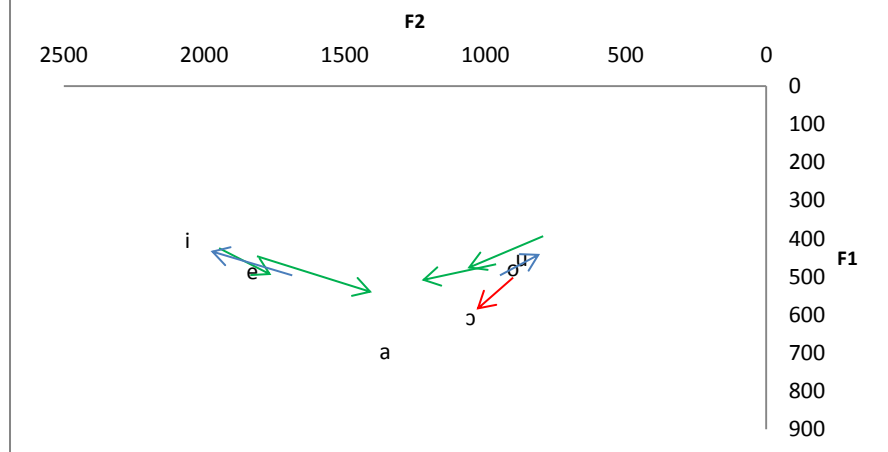


Figura C. Carta de formantes de Fiscal

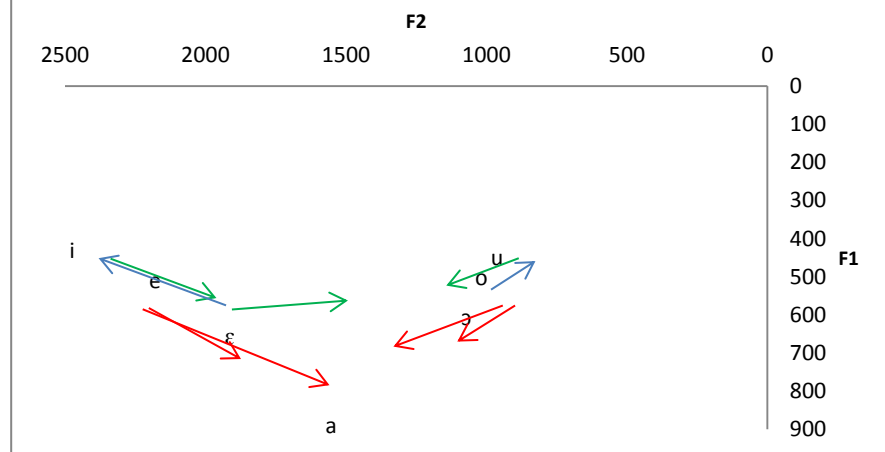


Figura B. Carta de formantes de Castelo de Neiva

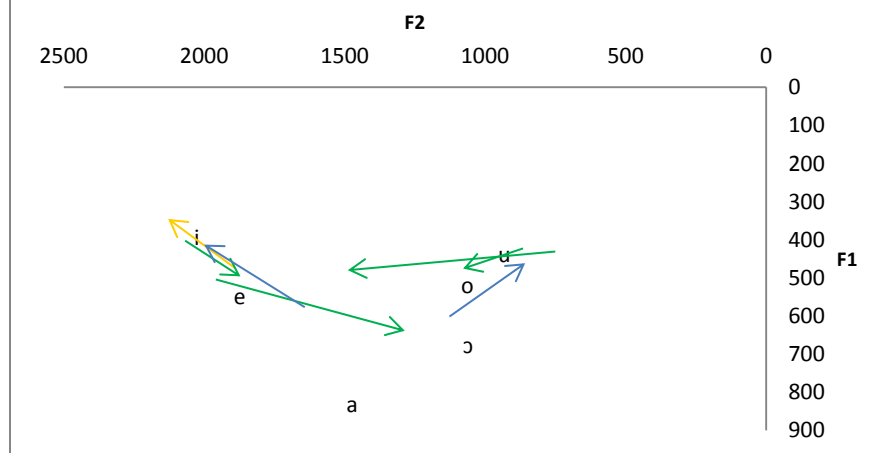


Figura D. Carta de formantes de Gagos

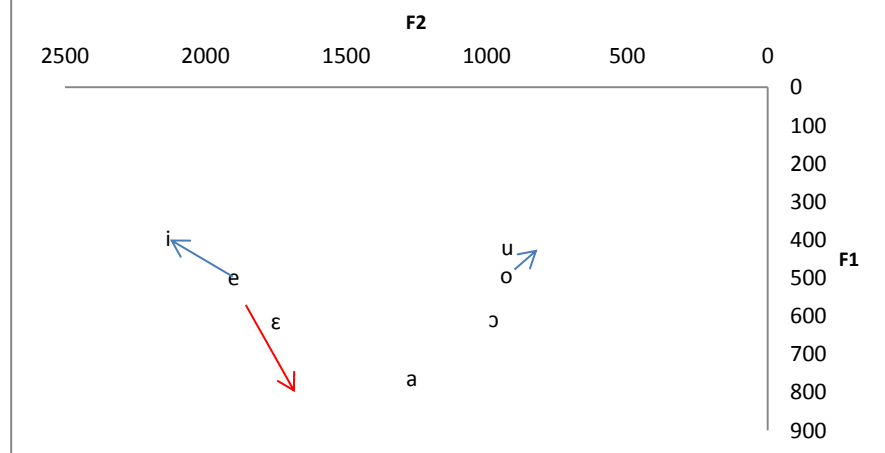


Figura E. Carta de formantes de Barrosas-Santo Estêvão

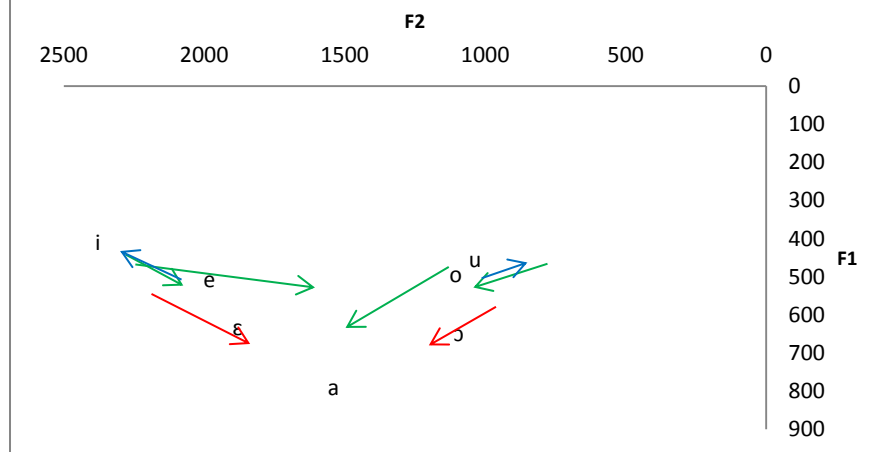


Figura G. 1.º grupo de pontos de inquérito: AV e CN

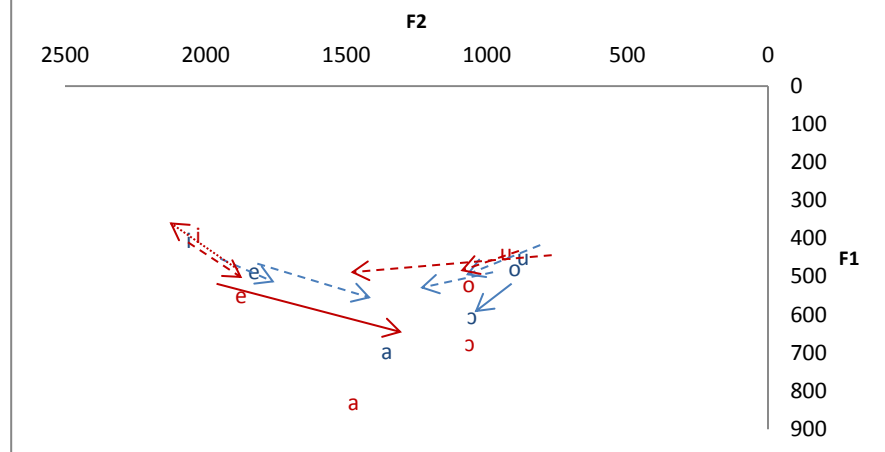


Figura F. Carta de formantes de Sobrado

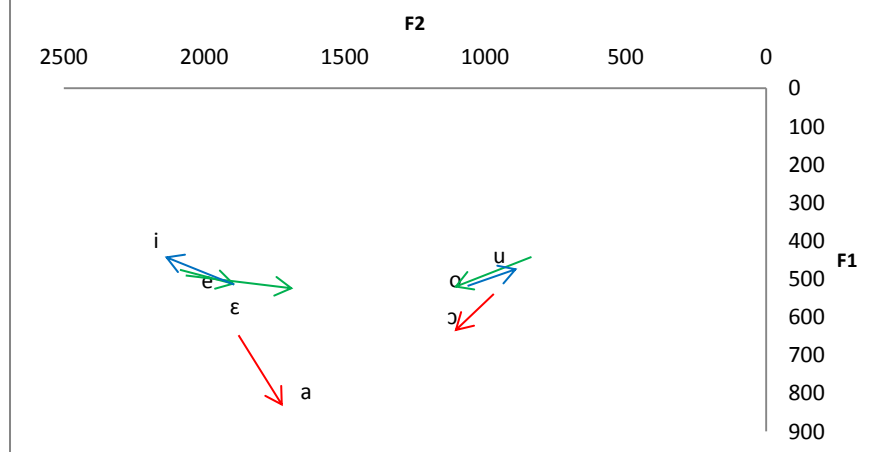


Figura H. 3.º grupo de pontos de inquérito: Fs, B-SE e Sb

